

MOMENTOS EM CUIABÁ

por Lourdes Silva Ramos

E o meigo sabiá lá canta, canta, canta...
 Mas põe na sua voz tanta ternura, tanta,
 Que o céu, por fim borbulha em lágrimas e chove!

Dom Aquino Corrêa

Tanta dignidade encontro nesse ambiente da casa bicentenária em que nasci, que mais uma vez me leva a tudo admirar, sentada na rede lavrada com rosadas flores, armada a um canto do espaçoso quarto, diante de um dos janelões. Estes me parecem cavados em dois palmos de parede de taipá maciça, mais lembrando altares a entremostrear um céu de carneirinhos.

Minha retina inquisidora passeia cuidadosamente pelo aposento, à busca de algo que levar comigo para São Paulo.

Erguendo os olhos, diviso o telhado em toda sua robustez. Ao centro, formidável viga-mestra, certamente de aroeira. Laterais à cumeeira desfilam os caibros, e dez deles, poderosos, sustentam quatorze ripas e dezessete ordens de telhas portuguesas, somando trinta e quatro em cada fileira. É evidente que me pus a contá-las minuciosa, porque são as responsáveis pelos efeitos de luz e sombra que brincavam comigo, em manhã de infância distante, num bailado de tênues raios de sol nascidos com as primícias da alvorada.

Passei para os móveis e o vetusto guarda-roupa, porta espelhada, saudou-me refletindo óbvio minha imagem, com as flores da rede ganhando vida ao leve balouçar... Do lado esquerdo, a cômoda do bisavô, em madeira escura, gavetas ornamentadas poeticamente de ramos de rosas em tons mais claros, ao lado das iniciais, M.M.F., Manoel Marques de Figueiredo. Acima do móvel na parede, antiquíssima estampa do Senhor Bom Jesus da Cana Verde.

Tranquilo, apesar da coroa de espinhos, trazendo nas mãos o cetro que lhe impuseram os algozes: uma palma verde de cana. Na mesma parede, estampa moderna de um Cristo muito mais contestador, coroado de espinhos. Grossas gotas de sangue a escorrer-lhe pela mão sobre a testa, em visível gesto de apreensão e olhar triste e reprovador... Ao pé

da estampa, a inscrição:... “e no entanto eu vos pedi: amai-vos uns aos outros”.

Baixei os olhos, e quatro metros de mosaicos brancos e vermelhos semelhantes a um tabuleiro de xadrez, reverberando com brilho intenso, levaram-me à vasta porta de soleira larga, por onde, varando a nesga aberta pela imensa sala de jantar, deparei a janela escancarada, cuja esquadria azul emoldurava, mágica, ramos e galhos de mangueira. Por pouco se meteriam sala adentro.

Que árvore em festa! As flores explodindo superpunham-se a inúmeros pedúnculos que sustinham as manguinhas recentes, em meio do verde compacto e reluzente das folhas. Que prodigalidade! Engalanavam-se as mangueiras para receber as primeiras chuvas de setembro, acalentadoras da doçura dos frutos que logo madurariam.

Chamando pelas águas, os muitos sabiás espalhavam o canto meigo na tarde esbraseada.

Chuvá, chuvá, chuvê, chuva!

Cuiabá, Agosto de 1983.